

A CERTEZA DA SALVAÇÃO

Introdução.

Realizamos um esquete envolvendo 58 alunos adultos de algumas classes da Academia Bíblica (Escola Dominical) da Igreja Presbiteriana Central de Londrina, na qual solicitamos que respondessem se tinham certeza da salvação, por que podiam ter essa certeza e que referências bíblicas poderiam citar para basear sua opinião.

Os resultados obtidos foram os seguintes: a maioria absoluta dos entrevistados respondeu que tinha certeza de sua salvação. Já as respostas da segunda pergunta foram as mais variadas – desde um simples “por que creio” ou “porque a Bíblia ensina assim” até uma que dizia “porque tentamos fazer tudo para isso” (!). As referências bíblicas mencionadas também variaram bastante: 42% dos participantes indicaram Jo 3:16 para comprovar biblicamente a certeza de sua salvação; 26% responderam com uma série de versículos, desde o Velho Testamento (Jó 33:4, Sl 91) até do Novo (Ef 1:4, 1 Pe 2:9s); 14% não citaram nenhum versículo; 7% lembraram-se de Rm 10:9s; 5% usaram At 16:31; 3%, Jo 14:6 e outros 3%, Tt 2:11-15. Vale a pena destacar que as perguntas foram respondidas por escrito, sem nenhuma forma de indução.

Entendemos, portanto que, apesar destes crentes não possuírem o conhecimento de um vocabulário teológico que lhes permitisse dissertar espontaneamente a respeito da certeza de sua salvação, os textos bíblicos por eles indicados revelam que são conhecedores do conteúdo bíblico das promessas da Palavra de Deus que alicerçam a segurança da salvação.

Este é um dos pontos levantados por Thomas Geoffrey¹ em seu artigo intitulado “Segurança da Salvação”, no qual ele aponta como alguém pode ter essa certeza. Dois deles são os meios que a graça dá e o auto-exame. Mas entre eles está a Bíblia e as promessas nela contidas. Sobre isto discorreremos adiante.

É nesse sentido que pretendemos conduzir este breve trabalho sobre a certeza da salvação. Numa primeira etapa, apresentar algumas definições de certeza e/ ou segurança da salvação e comentários a respeito de sua natureza; em segundo lugar, alertar para o risco de fundamentar a convicção em bases falsas e enganar-nos a nós mesmos e, por fim, provar biblicamente que o crente em Jesus Cristo pode experimentar, sim, a segurança da fé, apesar de todo e qualquer vento contrário que sopra ao seu redor, venha de onde vier.

Definições e comentários.

Por mais incrível que possa parecer, trabalhar sobre o tema certeza da salvação não é uma tarefa das mais fáceis! Quando o Dr. Augustus Nicodemus² palestrou e escreveu sobre a certeza da salvação a partir do conceito puritano, alertou seus ouvintes e leitores acerca do aspecto estritamente doutrinário do assunto e pediu a maior atenção possível, buscando obter atenção dobrada. Entendemos que, para ele, dissertar sobre essa segurança seria um trabalho delicado, ainda mais dentro do conceito puritano.

Pessoalmente, cremos que nossa dificuldade surge da variedade de interpretações que este tema recebe das teologias católica e reformada, e todas apresentam seus

¹ Thomas Geoffrey, “Segurança da Salvação”, in: Os Puritanos, ano IV – nº 02, 1996.

² Augustus Nicodemus, “Segurança da Salvação – Conceito Puritano I” in: Jornal Os Puritanos, ano IV nº 02, 1996.

argumentos fundamentados em textos bíblicos que os comprovam. Assim, se já é difícil compreender a certeza da salvação plenamente, quanto mais defini-la!

Dentre os autores que pesquisamos para a realização deste trabalho (em comentários, dicionários e revistas), nem todos preocuparam-se em definir o termo. Comentaram, explicaram, avaliaram e compararam, mas não definiram (Pearlman e Chafer, por exemplo).

Outros, porém, não apenas fizeram o mesmo, mas também definiram. A Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã define a certeza da salvação como “a confiança do crente em Cristo de que ele, a despeito da sua condição pecaminosa mortal, é, de forma irrevogável, um filho de Deus e um herdeiro do céu”³, afirmando que esta convicção pode ser experimentada por todo cristão, haja visto que o próprio Deus lhe dá esta certeza. Já Murray, por sua vez, a define assim:

When we speak of the assurance of faith we mean the assurance entertained by a believer that he is a state of grace and salvation, the knowledge that he has been saved, has passed from death unto life, has become a possessor of eternal life and is an heir of glory.⁴

Shaw, em sua explanação sobre a Confissão de Fé de Westminster, no capítulo que trata da “segurança da graça e salvação” (assurance of grace and salvation), escreveu o seguinte:

By the “assurance of grace and salvation” treated of in this chapter, is meant the believer’s assurance that he is “in state of grace,” and has a personal interest in the salvation of Christ.⁵

Geoffrey, mencionado em nossa introdução, inicia seu artigo definindo a segurança da salvação de maneira muito simples e agradável:

A segurança da salvação é aquela que o crente possui e lhe dá a certeza de que é um crente e que o capacita a dizer “eu sei que meus pecados estão perdoados; eu sei que vou para o céu; eu sei por que...”, e dá as razões.⁶

O dicionário de teologia Baker afirma que geralmente é descrita como certeza ou segurança, a doutrina na qual aqueles que são verdadeiramente salvos podem saber, sem sombra de dúvidas, que estão salvos. E mais:

A esta certeza de salvação os Reformadores referiram-se como *certitudo gratiae* ou *certitudo salutis*, ambos termos que implicam a certeza ou segurança da salvação pessoal.⁷

Quando lemos a definição de Baker, lembramo-nos que, em seu Dicionário de Teologia, o assembleano Andrade⁸ colocou a frase em latim “Certitudo et gratiae praesentis et salutis aeternae” que significa *a certeza da graça presente e da salvação eterna*. E concluiu, destacando que a segurança da salvação deriva da justificação pela fé. Apresenta uma discordância, neste ponto, do conceito puritano apresentado por

³ Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, 1988, p 271.

⁴ John Murray, The Collected writings of John Murray. 1977, 2 vol, p 264.

⁵ Robert Shaw, The Reformed Faith, Christian Fows Publication, 1974, p182.

⁶ Thomas Geoffrey, “Segurança da Salvação”, in: Os Puritanos, ano IV – nº 02, 1996.

⁷ Harrison Everett (Edit), Baker’s Dictionary of Theology, 1960.

⁸ Claudionor Correia Andrade, Dicionário Teológico, CPAD, 6 ed, 1998, p 80.

Nicodemus, já que os reformadores, especialmente Lutero, associavam a certeza da salvação diretamente à justificação, enquanto que os puritanos, sob a influência de Theodore Beza, criam a certeza da salvação estar ligada à santificação. Nicodemus explica que ser salvo pela graça (o que está realmente ligado à justificação), não é a mesma coisa que ter certeza da salvação (derivada da santificação). Explica ainda que, ao entendermos este ponto, podemos compreender melhor a ênfase puritana na necessidade de obediência, na necessidade de santidade de vida – ainda que não seja necessária a plena santificação para se ter a certeza da salvação.

Ele nos lembra de que os puritanos consideravam a convicção de que eram salvos como sendo a maior bênção que se poderia gozar em vida. E escreve:

Estamos dizendo que, a partir do momento em que você tem os sinais externos mínimos e básicos da operação da graça de Deus, você passa a ter certeza de salvação.⁹

Mas, para evitar qualquer tipo de interpretação equivocada da doutrina puritana sobre a certeza da salvação ele esclarece que estes crentes sempre buscaram o equilíbrio nas suas afirmações. Em que afirmavam ser a certeza da salvação possível nesta vida graças à obra completa de Cristo em nós e que a certeza da salvação pode ser melhor observada em uma vida de arrependimento, de mudança, de fé verdadeira, através da percepção da graça de Deus no coração.

A possibilidade de se obter certeza da salvação também é tratada por Robert A. Peterson¹⁰, mas antes de discutir especificamente três referências bíblicas que servem como fundamentos para o conhecimento da segurança por parte dos crentes, ele considera importante distinguir os estes fundamentos dos fundamentos da salvação. John Murray, que também é citado por Peterson, faz distinção entre certeza da salvação da fé em Cristo para a salvação:

When we speak of the grounds of assurance, we are thinking of the ways in which a believer comes to entertain this assurance, not the grounds on which his salvation rests. The grounds of salvation are as secure for the person who does not have full assurance as for the person who has.¹¹

Em nossa opinião, isto está muito próximo daquilo que escreveu Nicodemus a respeito do conceito puritano da segurança, em que ser salvo pela graça não é a mesma coisa que ter certeza da salvação. Murray afirma que há uma óbvia distinção entre certeza, segurança ou convicção (como ele a chama) e o ato primário da fé. O primário e direto ato da fé não é a crença de que somos salvos e somos herdeiros da glória eterna, mas sim um ato de confiança a Cristo, graciosamente oferecido a nós no evangelho, no qual podemos ser salvos. O primeiro ato de salvação é crer em Cristo para a salvação, a certeza da fé é a convicção de que a salvação é nossa. Prossegue afirmando que, desde que a certeza da salvação ou segurança da fé é logicamente consequência ou reflexo do reconhecimento de Jesus Cristo como Salvador e Senhor, então não pode ser a essência deste primeiro ato de fé (esta certeza é chamada, portanto, de *ato reflexo da fé*). Assim, sobre o sentido mais específico desta fé salvadora, Louis Berkhof, explica:

Há certas doutrinas concernentes a Cristo e Sua obra, e certas promessas feitas nele aos pecadores, que o crente aceita confiadamente e que o induzem a depositar em Cristo a sua

⁹ Augustus Nicodemus, In: Jornal Os Puritanos, ano IV nº 02, 1996.

¹⁰ Robert A Peterson, Christian Assurance, in Presbyterian Covenant Seminary Review, nº 01, 1992.

¹¹ John Murray, Collected Writings of John Murray, 1977, 2 vol, p 270.

¹¹ Louis Berkhof, Manual de Doutrina Cristã, LPC, 1985, p 229.

confiança. Em resumo, o objeto da fé salvadora é Jesus Cristo e a promessa de salvação nele.¹²

Berkhof também afirma que o ato especial da fé salvadora consiste em receber Cristo e repousa nele como ele é apresentado no evangelho, conforme Jo 3:16-18:

“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (Almeida, RA).

Mas isto não significa, entretanto, que este primário ato, de receber Jesus pela fé, deva ser entendido como sempre separado cronologicamente da certeza da salvação. Veremos a seguir, conforme os argumentos de outro estudioso, que pode ser possível uma pessoa ser absolutamente salva sem saber ou ter certeza disso – mas ser salva! Aqui, porém, afirmamos que, por outro lado, esta convicção pode ser introduzida no ato da fé salvadora e ser instantaneamente registrada na consciência do crente.

Então entendemos que: uma pessoa pode receber Cristo através da fé salvadora e imediatamente ter impressa em sua consciência a certeza da salvação, outra pode também receber a Cristo pela fé salvadora e levar algum tempo até que adquira a certeza da salvação e outra, ainda, pode ser sinceramente convertida a Cristo, possuir a convicção de que é crente, mas não ter a certeza de que é salva – às vezes, até por não saber disso!

É Geoffrey¹³ quem afirma, portanto, categoricamente, que a segurança da salvação não é essencial para a fé salvadora. Conforme sua explicação, a pessoa pode ser um cristão e não ter certeza, pode estar realmente salvo, mas ter dúvidas. São descritas como crentes sinceros que sentem falta de segurança, duvidam da sua própria salvação. Refletem em seu caráter e personalidade a mansidão que o Senhor Jesus ordenou que aprendêssemos com ele e demonstram a ação da graça em suas vidas, mas não têm qualquer convicção de serem salvos. Mas têm a certeza de que são crentes. Dessa forma, afirma que a segurança de salvação não é um fator primordial para que a fé salvadora esteja presente.

Robert Shaw concorda com Geoffrey em sua obra “The Reformed Faith” – ao explicar que a Confissão de Fé de Westminster sustenta estes argumentos quanto a certeza da salvação durante ou imediatamente após, ou não, da conversão a Cristo. Conforme este autor, tem sido ensinado por alguns que qualquer um que crê em Cristo deve estar imediatamente consciente e convicto de sua salvação e que esta conscientização é a primeira evidência de que alguém está justificado.

Curiosamente, a Confissão de Fé faz completo silêncio quanto a veracidade desta evidência, informa Shaw. Ou ainda, ela claramente indica que esta conscientização é, de alguma forma, absolutamente inseparável da fé verdadeira. Esta conscientização, que podemos chamar, como já mencionamos anteriormente, de *ato reflexo da fé*, o conhecimento de que se tem crido e surge de reflexão, é sucessora do ato primário – ou primeiro – da fé, da conversão a Jesus Cristo.

Assim, determinando tudo aquilo que já foi discutido anteriormente, se a certeza da salvação é indispensável para a própria salvação e se ela vem imediatamente após ou não o reconhecimento de Jesus Cristo como Salvador, Shaw explica que a Confissão de Fé de Westminster não considera essencial a segurança da salvação e graça à fé salvadora. E que,

¹² Thomas Geoffrey, In: Os Puritanos, ano IV nº 2, 1996, p 7.

dessa forma, a Confissão admite também que uma pessoa pode crer em Cristo, e pode ser justificada por sua fé antes de obter a certeza de que está neste estado justificado.

Certeza da salvação e justificação caminham muito próximas uma da outra. Acreditamos que, da mesma maneira que muitas pessoas têm grande dificuldade em experimentar a segurança da fé, assim também em compreender o processo da justificação e seus benefícios espirituais... muito provavelmente porque – talvez semelhantemente à certeza – ele não suscita sentimentos que identifiquem uma transformação interior. Antes, exige a fé mais pura e simples de que o fato se deu nos céus. O teólogo inglês J. I. Packer esclarece isto ao afirmar que:

A justificação é uma decisão jurídica conferida ao homem e não uma obra operada no interior do homem; é a dádiva divina de uma posição e de um relacionamento para com Deus e não de um coração novo. Não há dúvida que Deus regenera aqueles a quem justifica, mas essas são duas coisas distintas¹⁴.

Quanto à certeza da salvação, podemos concluir, portanto, mediante as definições e os comentários apresentados, além da fundamentação da Confissão de Fé de Westminster, que a certeza da salvação e seus benefícios podem ser experimentados e desfrutados por todo aquele que crê em Jesus Cristo como Filho de Deus, Salvador; mas, ainda assim, já que esta segurança não é indispensável para a fé salvadora, alguém pode crer em Cristo e pode não estar imediatamente consciente que tem verdadeiramente crido para a salvação de sua alma. Nisto podemos contemplar a maravilhosa e soberana graça de Deus.

A certeza da salvação, o catolicismo e o arminianismo.

Em seu Manual de Doutrina Cristã, quando escreve sobre fé e certeza, Louis Berkhof dá-nos uma pequena mostra de como as opiniões divergem quanto a certeza da salvação. Outros autores pesquisados também tiveram a preocupação de apresentar as outras posições com relação a este tema antes mesmo de defender a convicção bíblica que podemos experimentar.

Os católicos romanos e os arminianos do século dezessete ensinam que os crentes não podem, exceto em casos muito raros, estar certos de sua salvação. (...) Os arminianos Wesleyanos ou metodistas afirmam que a conversão importa em certeza imediata. Quem crê logo fica certo de que está remido. Entretanto, isto não quer dizer que ele esteja também certo da salvação final.¹⁵

Este comentário de Berkhof leva-nos a crer que é interessante observar as posições contrárias ao calvinismo, que afirma a possibilidade de se experimentar a segurança da salvação nesta vida, inclusive antes de estudarmos as bases bíblicas que nos permitem esta certeza e orientam como obtê-la, como alcançá-la, como vivê-la. Vejamos, portanto, ainda que brevemente, a posição da Igreja Católica e depois a posição arminiana a respeito do assunto em pauta.

Conforme Foxgrove em seu artigo “Christian assurance: its possibility and foundation”, a posição oficial da Igreja Católica Romana, isto é, de que pessoas não podem ter segurança da salvação salvo uma revelação especial da parte de Deus, foi promulgada

¹⁴ J. I. Packer, *Vocábulo de Deus*, Editora FIEL, 1994, pp 129-134.

¹⁵ Louis Berkhof, *Manual de Doutrina Cristã*, 1985, p 229.

no Concílio de Trento no século dezesseis e denominada: “Contra a Vã Confiança dos Hereges”.¹⁶

Já na Enciclopédia de Religião e Ética podemos ver que Tomás de Aquino, teólogo oficial da Igreja Católica, no século treze ensinava que por um triplo caminho alguém poderia descobrir se era ou não o objeto da graça divina. O primeiro seria por meio de uma revelação direta da parte de Deus; o segundo, por meio de si mesmo e o terceiro, por meio de várias indicações (até através de conjecturas). Mas o próprio Aquino admitiu que deste três meios, os dois últimos são por demais incertos, inseguros... e o primeiro seria de total iniciativa de Deus, ainda em alguns casos particulares.

In his view, a Christian cannot attain to religious certainty, except by direct revelation from God; those to whom this special favour is not vouchsafed must remain in uncertainty.¹⁷

A partir daí, se alguém afirmasse, com absoluta e infalível certeza, que teria o dom da perseverança até o fim, não por meio de uma revelação especial seria amaldiçoado¹⁸. Devido as doutrinas do mérito e do purgatório, a Igreja Romana acredita que esta certeza é obtida apenas por algumas pessoas excepcionais e altamente privilegiadas¹⁹. Mas, ao contrário, a Bíblia ensina que a segurança da salvação é um privilégio a todos os cristãos, e não apenas para alguns. Os textos bíblicos de João 10:26-30, Romanos 8:28-39, Efésios 1:13-14 e Hebreus 7:23-25 são suficientes para nos revelar que Deus mantém seu povo salvo até o fim. O propósito destas passagens é dar aos crentes verdadeiros a confiança de sua salvação.

Já o arminianismo, doutrina elaborada por Jacobus Arminius (1560-1609), nega a predestinação absoluta ensinada por Calvino argumentando que a decisão de Deus em salvar determinadas pessoas e condenar outras acha-se baseada em sua presciência acerca daqueles que hão de atender ao chamado da graça²⁰. Em outras palavras, ao contrário do que afirma o calvinismo, Deus previu o destino das pessoas que aceitariam o evangelho e permaneceriam salvas, e então as destinou a uma herança celestial, ou seja, ele *previu* o destino delas, mas não o *fixou*.²¹

Os arminianos geralmente estão de acordo entre si ao afirmarem que, no máximo, alguém pode desfrutar da certeza em qualquer determinado momento, visto que o crente pode apostatar e perder a sua salvação.²²

Arminius, cuja doutrina aproxima-se da dos pais pré-agostinianos e inspirou a teologia de John Wesley, argumentou também que os regenerados estão sujeitos a perder a salvação, ou seja, nem todos os que aceitaram a Cristo perseverarão.

The Arminian position is that, although the believer may be assured of a state of grace, yet this present state of grace is not guarantee of perseverance and so there can be no assurance of eternal salvation. The true believer may fall from grace and come short of glory.²³

¹⁶ Robert A. Peterson, in Presbyterian Covenant Seminary Review, vol XVIII, nº 01, 1992, p 10.

¹⁷ Encyclopaedia of Religion and Ethics, vol III, p326.

¹⁸ Cânons 16, sobre a justificação pela fé.

¹⁹ John Murray, 1977, 2 vol, p 267.

²⁰ Claudionor Correia Andrade, Dicionário Teológico, CPAD, 6 ed, 1998, p 298.

²¹ Myer Pearlman, 1968, p 268.

²² Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, 1988, p 272.

²³ John Murray, 1977, 2 vol, p 267.

Entretanto, podemos crer na doutrina da segurança da salvação graças a referências bíblicas como, por exemplo, João 10:28-29 e 17:6, Romanos 8:35 e 11:29, Filipenses 1:6, 1 Pedro 1:5. Podemos concluir portanto, que em contraste aos ensinamentos da Igreja Católica Romana e os decretos do concílio de Trento, a Igreja Reformada reforça a possibilidade da certeza da salvação ser experimentada na presente vida e por qualquer crente em Jesus Cristo.

Geoffrey escreveu que é possível encontrarmos um crente que tenha dúvidas quanto a certeza de sua salvação, ou então que, mesmo sendo povo de Deus, permaneceremos incertos de nossa salvação por um longo período de tempo, pensando que ele tenha nos rejeitado e que nos tornamos estranhos à sua graça²⁴. Mas, ainda que esta situação seja vivida, não significa de forma alguma que o crente perdeu sua salvação. Isso não depende dele. Afinal, Jesus disse: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo algum o lançarei fora” (João 6:37) e mais: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão e ninguém poderá arrebatá-las da minha mão. Aquilo que o Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar” (Jo 6:27-29).

Falsas bases para a certeza da salvação e a fé temporária.

Pesquisando na Internet sobre a certeza da salvação, encontramos um curioso e interessante artigo²⁵ que começava com uma ilustração engraçada... Após um funeral, o pastor de certa igreja publicou uma nota no boletim, dizendo: “Nosso irmão Peterson partiu para o Céu às três da madrugada”. No dia seguinte recebeu uma carta que dizia: “Até agora o Sr. Peterson não chegou. Há uma grande expectativa aqui. Céu, oito da noite”.

Por causa de seu teor devocional, o artigo prossegue perguntando: O que aconteceria se fosse a notícia do seu funeral? Poderia o Céu enviar uma mensagem de volta avisando que você não tinha chegado? Podemos saber com certeza que vamos para o Céu ou apenas esperar que tenhamos feito boas ações suficientes para podermos entrar nele?

A princípio, esta ilustração pode parecer um tanto quanto simplória demais, mas somos obrigados a admitir que o texto desperta a nossa atenção para uma realidade espiritual que nem sempre tem sido vivida por todos os crentes em Cristo Jesus. Apesar de todo o respaldo teológico e do testemunho bíblico, como pudemos ver na primeira parte deste trabalho, há cristãos devotos, honestos e sinceros, que confessam Jesus Cristo Salvador de suas vidas, mas não desfrutam dos benefícios espirituais que a certeza da salvação produz.

Coincidentemente, o autor desconhecido do texto mencionado acima destacou em seu artigo cinco pensamentos que são fundamentos para uma falsa certeza, da mesma maneira que Thomas Geoffrey – também já mencionado – fez em seu artigo publicado no Jornal “Os Puritanos”. Alguns textos bíblicos, como por exemplo *Mateus 7:21* (“Nem todo o que diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus”), *Romanos 10:9* (“Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”) são mencionados por ambos.

Se uma pessoa caminhar sobre um lago coberto por gelo fino, não importa quanta fé e segurança ela credite ao gelo. Se o gelo for fino, ela cairá e possivelmente congelará! Da mesma maneira, fé e segurança serão inúteis se estiverem baseadas num falso fundamento.

²⁴ Thomas Geoffrey, “Segurança da Salvação”, in: *Os Puritanos*, ano IV – nº 02, 1996

²⁵ O site é new-life@aba2net, mas o autor não foi identificado.

Nós estamos olhando para a possibilidade de uma fé temporária. Jesus disse que pessoas podem se enganar a si mesmas, e podem ter uma falsa segurança. Todo mundo será colocado diante dele e muitos se achegarão com uma segurança falsa. Jesus diz que terá de dizer a estas pessoas: “Nunca vos conheci” (Mateus 7:23).²⁶

Calvino insistia que os homens de fé temporária “pensavam que eram crentes”²⁷. Algumas “falsas certezas” podem ser mencionadas: O envolvimento no serviço cristão, a realização de milagres e um ministério efetivo. Jesus disse: “Nem todo o que diz: Senhor, Senhor! Entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”. Servir a Deus não é o mesmo que fazer a vontade de Deus. Há muita gente realizando muita coisa maravilhosa para Deus, mas não vive para Deus. Suas vidas não revelam obediência a Deus, nem justiça, amor ou o fruto de uma vida transformada. Mas onde não há fruto, não há raiz.

Geoffrey descreve estas pessoas como aquelas que confundem seu chamamento ministerial com uma garantia para sua salvação. São os que expulsam demônios, falam outras línguas, curam enfermos, realizam milagres e profetizam, pregam a Palavra e zelam pela doutrina... Mas tudo isso não será suficiente (Mateus 7:22, 23). Afirma:

É perfeitamente possível homens e mulheres falarem línguas, expulsarem demônios, curarem doentes e efetuarem todo tipo de milagres, mas não pertencerem ao Senhor no sentido verdadeiramente bíblico (...) A salvação pode estar arraigada em terreno errado.²⁸

Uma outra falsa base pode ser uma profissão de fé apenas verbal. Toda uma igreja fica feliz quando alguém vai à frente e realiza sua pública profissão de fé, mas não podemos nos esquecer que Judas também fez isso. Uma profissão verbal e externa pouco significa, se não for acompanhada por uma mudança evidente no coração. Cristo revela desejar o “coração”, não só a “mente”, porque Deus vê o que o homem não vê (1 Samuel 16:7). Conforme Geoffrey, são pessoas que possuem formação e informação teológicas, vigiam e lutam contra as heresias, têm uma doutrina totalmente correta, mas ainda assim podem ter a alma perdida.

Além disso, alguém pode pensar que unindo-se a uma igreja e relacionando-se com cristãos, agindo como um deles e experimentando de seus sentimentos tem como certa sua salvação. Mas a salvação está em Jesus, não na igreja, bem como a certeza da salvação. Até mesmo as mais comprometidas e dedicadas, também as que estão sempre emocionadas com tanto “amor” que sentem por Jesus Cristo por causa do seu sacrifício.

Embora o zelo, as emoções e todas as experiências que podemos ter na igreja sejam elementos muito bons para nós, não são alicerces suficientemente sólidos para firmarmos neles nossa segurança de salvação. É bem possível serem grandes ativistas na igreja, envolvidos com todo tipo de comissão e reunião, sempre envolvidos no trabalho cristão, e mesmo assim não terem no coração o cerne da questão.²⁹

David Foxgrove escreve que a certeza da salvação era um tópico de grande importância para João Calvino. Mas, afirma ainda o autor, a despeito da ênfase de Calvino sobre a certeza da salvação, o grande reformador também preocupou-se bastante com o problema da fé temporária e a falsa segurança. E comenta dois casos que eles considera dos mais problemáticos: o de Simão, o mágico ilusionista de Samaria que ofereceu

²⁶ Thomas Geoffrey, “Segurança da Salvação”, in: Os Puritanos, ano IV – nº 02, 1996.

²⁷ David Foxgrove, Temporary faith and the certainty of salvation, in Calvin Theological Journal, vol 15, nº 02, 1980, p 221.

²⁸ Thomas Geoffrey, “Segurança da Salvação”, in: Os Puritanos, ano IV – nº 02, 1996.

²⁹ Thomas Geoffrey, “Segurança da Salvação”, in: Os Puritanos, ano IV – nº 02, 1996.

dinheiro a Pedro para que este lhe concedesse o poder do Espírito Santo, pelo que foi duramente repreendido (Atos 8:9-25) e o de Pedro, o mais impulsivo dos discípulos que, logo após confessar que Jesus era o Cristo, filho do Deus vivo, o nega vergonhosamente, quando da sua prisão e crucificação (João 18:25-27).

The most vexing point in these two passages is Calvin's insistence that these men of "temporary faith" *think they are believers*. This point causes us to ask: If they sincerely think they are believers but in reality are not, how can anyone be certain that he is a man of true faith and not simply deceiving himself (or being deceived by the "lower working of the Spirit")? Do Calvin's description of "temporary faith" make the certainty of salvation impossible?³⁰

Consideremos que estas descrições de fé temporária não enfraquecem a certeza da salvação, o que nos leva a pensar que, da mesma maneira que há pessoas incertas ou inseguras acerca de sua salvação – ainda que sejam salvas! – mesmo sem crer nisso ou saber disso, há também uma categoria de pessoas que acreditam piamente estarem salvas, sendo que, na verdade, não estão, não o são.

Devemos prestar atenção, portanto, em três declarações de Calvino sobre fé temporária: primeiro, em seus próprios julgamentos, estas pessoas não diferem em nada dos eleitos... na verdade, conforme Calvino escreveu, experiências revelam que os reprovados são, às vezes, atingidos por quase os mesmos sentimentos que os eleitos, tanto que até em seus próprios julgamentos eles em nada diferem destes; segundo, os *temporarii*, como Simão, não são culpados de mero fingimento, pois há pessoas que experimentam da Palavra, começam a sentir seu poder divino e simulam fé não somente aos olhos dos outros, mas também às suas próprias mentes; terceiro, há uma série de fatores que distinguem a fé verdadeira da temporária.

Conforme Foxgrove, os mais completos esforços de Calvino em diferenciar fé verdadeira de fé temporária estão em seus comentários sobre Mateus 13:20 e Hebreus 6:4³¹. No primeiro caso, uma pessoa de fé verdadeira responde ao evangelho com uma afeição tal que lhe penetra o coração, enquanto que as de fé temporária carecem de um sentimento vivo para confirmá-los constantemente; no segundo, cada um dos termos mencionados pelo autor de Hebreus nos versículos citados aplicam-se aos de fé temporária...

... Calvin tries to establish degrees of pretense or hypocrisy, but in spite of these distinctions the reader is easily confused. If in their own judgement these men sincerely think that they believe, how can they know that their faith is temporary? If the *temporarii* cannot know, how can a man of true faith know that his true faith is not temporary, a delusion effected by the "lower working of the Spirit" How can there be any certainty of salvation?³²

Por sua vez, negando a Jesus como fez, sem demonstrar nenhum sinal de arrependimento, Pedro revela como alguém pode tornar-se moral ou espiritualmente insensível.

³⁰ David Foxgrove, Temporary faith and the certainty of salvation, in Calvin Theological Journal, vol 15, nº 02, 1980, p 221.

³¹ A explicação da parábola do semeador (o solo rochoso) e a impossibilidade de renovar os que uma vez caíram, respectivamente.

³² Foxgrove, *ibid*.

Em meio a tudo isso, entendemos que corremos o risco de fundamentarmos nossa fé e a certeza da nossa salvação em bases falsas. É preciso discernimento para reconhecermos estas frágeis fundações, pois o ativismo, a pública profissão de fé realizada sem uma profunda convicção, as experiências espirituais baseadas em emoções e até mesmo a ortodoxia (uma doutrina correta) ou zelo pelas coisas de Deus podem nos enganar facilmente.

Diante desta realidade, em que, como alguém pode ser salvo se ter certeza disso enquanto outro pode pensar ser um crente quando não é, é extremamente relevante considerarmos a admoestação do apóstolo Paulo:

Examinai-vos a vós mesmos para saberdes se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos...³³

Este versículo bíblico nos ajuda a responder uma pergunta feita anteriormente, isto é, se um reprovado não tem como saber se sua fé é verdadeira e um crente não tem como provar se sua fé é temporária, como podemos ter certeza de nossa salvação? A partir da exortação de Paulo podemos ver que, certamente, o auto exame é um dos elementos, uma prática que pode conduzir-nos a uma resposta, a uma segurança.

Em seu livro “Conhecendo as doutrinas da Bíblia”, no capítulo que se refere à segurança da salvação, Pearlman – que será mencionado também no próximo capítulo – compara as posições calvinista e arminiana e discute a possibilidade de “cair da graça” ou “perder a salvação”, como se costuma dizer. Para nós, isto pode estar muito relacionado com a segurança fundamentada em falsas bases. Entretanto, como calvinistas, temos problemas com Pearlman – que parece simpatizar muito com o arminianismo -, pois ele afirma ser possível decair da graça e, ainda, que esta graça pode ser resistida. Em sua comparação, este autor dirige críticas apenas à posição calvinista, nada a respeito da posição arminiana. Mas, no final do capítulo, ele propõe uma aceitação equilibrada de ambas as posições e, num tom conciliatório, encerra dizendo que não devemos enfatizar os perigos, os “riscos” da vida cristã.

Maior ênfase deve ser dada sobre os meios da segurança – o poder de Cristo como Salvador; a fidelidade do Espírito Santo que habita em nós, a certeza das divinas promessas, e a eficácia infalível da oração.³⁴

Mesmo após criticar pontos fundamentais do calvinismo e afirmar que é possível “cair” da graça e resistir a ela, o autor conclui – desta vez, de acordo com aquilo que já vimos anteriormente –, dizendo que, apesar de toda debilidade, imperfeição ou obstáculos e dificuldades externas, o crente pode sentir-se seguro e ser um verdadeiro “vencedor” em Cristo.

Acaba admitindo, portanto, que a segurança da salvação pode ser obtida e cultivada por todo cristão e que é absolutamente possível alguém obter esta certeza. É o que veremos a seguir.

³³ 2 Coríntios 13:5^a

³⁴ Myer Pearlman, Conhecendo as doutrinas da Bíblia, 1968, pp 265-273.

Bases bíblicas para a certeza da salvação.

Podemos ver que é possível experimentarmos a plena certeza da nossa salvação pelo simples testemunho de vida dos personagens bíblicos, tão conhecidos de todos nós. Tanto no Velho quanto no Novo Testamento encontramos homens e mulheres vivendo impressionantes experiências, conseqüentes da alegria e esperança que depositavam em Deus. Teria Abraão abandonado sua terra e parentela para aquela terra que Deus lhe mostraria e depois ainda teria-se permitido todas aquelas provas de fé se não cresse na fidelidade de Deus? Poderia Moisés aceitar o desafio de Deus de libertar o povo hebreu da escravidão no Egito e viver todas aquelas aventuras se ele mesmo não estivesse certo de que Deus seria fiel e cumpriria suas promessas?

Tanto nos evangelhos quanto nas cartas paulinas e gerais podemos encontrar relatos de cristãos convictos de sua salvação, alegres por causa disso e da certeza do amor de Deus por eles. Caso não estivesse absolutamente certo de todas estas coisas, poderia o apóstolo Paulo ter escrito: “Ele me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gálatas 2:20^b)? Ou “Nada nos separará do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 8:39^b)? Caso este dedicado servo de Deus não estivesse convicto de sua salvação poderia ele testemunhar tão poderosamente, ao escrever da prisão: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia...” (2 Timóteo 4:7-8^a)? Também o evangelista João confirma: “Nós sabemos que já passamos da morte para a vida...” (1João 3:14^a), repetindo palavras que ele próprio ouviu Jesus pronunciar: “... quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (João 5:24).

Temos, portanto, na Bíblia Sagrada, o registro do testemunho de centenas vidas que servem como exemplo e estímulo para também nós cultivarmos em nossas vidas a segurança da salvação. O Dicionário Evangélico de Teologia confirma o que já vimos:

The doctrine of spiritual assurance is widely taught in the New Testament, particularly by Paul, John and the writer of Hebrews.³⁵

Para Geoffrey, a segurança deveria ser obtida e mantida por todo cristão. E, baseado em argumentos já revelados anteriormente³⁶, ele afirma que não serão os ativistas, nem os zelosos pela doutrina, nem os que têm experiências carismáticas ou todos os dons espirituais, porque estas características não geram nem sustentam a certeza da salvação.

Ainda baseado no texto de Mateus 7:21, ele revela que, com certeza, quem entrará no reino dos céus é aquele que cumpre o requisito mais importante para Jesus: fazer a vontade do Pai! Podem ter certeza de que entrarão no reino dos céus todos aqueles que fazem a vontade de Deus:

É isto que ele quer e é para estes (que fazem a vontade de Deus) que o conforto de todo o evangelho é dirigido. É nestes que todo o conforto da segurança do evangelho repousa.³⁷

Se a vontade do Pai é que creiamos em seu filho e, dessa forma, tenhamos vida eterna nele, então não importa se nossa fé é fraca ou forte; importa que é fé depositada em

³⁵ Evangelical Dictionary of Theology, 1984, p 92.

³⁶ Falsas bases para a certeza da salvação e a fé temporária.

³⁷ Thomas Geoffrey, “Segurança da Salvação”, in: Os Puritanos, ano IV – nº 02, 1996.

Cristo, então é fé salvadora. Confiar em Cristo como Salvador é fazer a vontade do Pai, portanto, se assim procedemos, podemos crer que estamos salvos!

A obediência aos mandamentos de Deus ministra à nossa própria certeza o favor de Deus e a esperança da vida eterna. Pelo contrário...

Disobedience and unfaithfulness (...) bring the divine displeasure and the withdrawal of the light of God's countenance; assurance is sure to suffer eclipse when we walk in the ways of disobedience.³⁸

Examinando o ensino bíblico descobriremos que a segurança da salvação tem dois fundamentos (ou bases), um objetivo e outro subjetivo. Primeiro, fundamentado na autoridade objetiva da Palavra de Deus o crente pode saber que foi escolhido desde a fundação do mundo e que Cristo já o justificou plenamente. Objetivamente, a certeza da salvação, portanto, não repousa sobre experiências emocionais, mas sobre a autoridade do testemunho da obra salvífica de Cristo. Por outro lado, subjetivamente, esta segurança envolve também a convicção pessoal criada pelo Espírito Santo no coração dos pecadores, de que foram perdoados, foram adotados na família de Deus como filhos amados e que pertencem a ele para sempre.

The grounds of assurance are more objective than subjective; they are not so much within us as without us. Hence the basis of assurance must rest on sufficient objective evidences.³⁹

Creemos, portanto, que estes dois fundamentos podem ser percebidos através das evidências que a maioria dos autores pesquisados mencionam, as quais vamos tratar a partir de agora: primeiro, os *meios* mais comuns que a *graça* propõe; segundo, o alicerce da *Palavra de Deus*; terceiro, a motivação do *auto-exame*; quarto, a ministração do Espírito de adoção.

Enquanto tantas pessoas buscam basear sua convicção através de algo extraordinário, podemos alcançá-la pelo meio mais simples que a *graça* propõe. Podemos nos deixar convencer pelas evidências que o próprio Deus nos dá. O cultivo do hábito constante da oração, o louvor a Deus por meio de um hino, a leitura devocional e o estudo da Bíblia, a prática do evangelismo... trazem a certeza para dentro do nosso coração.

Eu digo-lhe que aceite isso sem ter que ouvir uma alguma voz, sem ter que receber uma visão, sem um versículo especial pulando da Bíblia e saltando para cima de você. Aceite isso como a base mais elementar possível da *graça* de Deus.⁴⁰

Uma outra evidência que temos para a certeza da nossa salvação é a fidelidade de Deus revelada na Palavra. Quando Deus faz uma revelação incondicional de sua fidelidade, esperamos que nenhum de seus filhos enfrente dificuldade em crer naquilo que ele mesmo prometeu.

Podemos mencionar as promessas contidas em João 3:16, 4:14, 10:28; Romanos 8:1; 1 João 5:12 e outras. Lembremo-nos de que o Senhor vela sobre sua Palavra, para a cumprir (Jeremias 1:12) como ele mesmo disse por meio do profeta: "... a palavra que eu falar se cumprirá..." (Ezequiel 12:25).

³⁸ John Murray, *Collected Writings of John Murray*, 1977, 2 vol, p 271.

³⁹ Baker's Dictionary of theology, 1960.

⁴⁰ Thomas Geoffrey, "Segurança da Salvação", in: *Os Puritanos*, ano IV – nº 02, 1996.

A despeito da ambigüidade das experiências externas, em sua Palavra Deus prometeu salvar e sustentar todos os que creem nele. A fé cristã que é caracterizada pela certeza deriva não do crente em si, nem da sua disposição em crer, mas daquilo no que ele crê.

O auto-exame foi apontado por vários autores como um meio para se obter e manter a certeza da salvação. O Dr. Augustus Nicodemus conta que os puritanos cultivavam o hábito da auto-avaliação e explica de que forma o faziam:

Primeiro, o puritano se examina, reflete, à luz da Escritura, sobre sua vida. Ele procura evidências, na sua vida, da operação da graça de Deus: coisas como quebrantamento, desejo de fazer a vontade de Deus, boas obras, amor ao próximo, zelo pelo nome de Deus, ódio ao pecado. Então, eles se examinam, procurando as evidências da operação da graça de Deus em seu coração.⁴¹

Este auto-exame tem como parâmetros tudo o que a Bíblia coloca para nós. É por meio destes padrões que devemos realizar o auto-exame, que é estimulado pelos autores bíblicos: “... procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum” (2 Pedro 1:10) e “Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos...” (2 Coríntios 13:5). A convicção da salvação será acrescentada sempre que pudermos responder positivamente se temos mudado, desde que recebemos a Cristo, se somos realmente nova criatura, se continuamos crescendo espiritualmente e nos tornando mais como Cristo.

If we are to entertain this assurance it is because we face up honestly and frankly to the questions, Am I an heir of God? Do I bear the marks of the children of God? Do I have the title deeds to the resurrection of life and to the house not made of hands eternal in the heavens?⁴²

Por fim, o testemunho interior do Espírito Santo na vida do cristão, como o apóstolo Paulo aponta: “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Romanos 8:16) e “E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!” (Gálatas 4:6). É uma segurança ministrada pelo Espírito de Adoção.

Esta testificação do Espírito evoca afeição filial e confiança na filiação daquele que crê, mas não deve ser entendida como separada das outras atividades que o mesmo Espírito Santo opera na santificação do crente. Conforme escreveu Geoffrey:

Estas promessas tremendas são aplicadas ao nosso coração através do ministério do Espírito Santo. Ele apresenta as evidências do meu chorar por causa do pecado, e do meu anelar em ser igual ao meu Salvador e o meu desejo de viver uma vida santa.⁴³

O texto que extraímos da Internet traz uma interessante ilustração: Durante os últimos estágios da Segunda Guerra Mundial, o General Douglas MacArthur manteve a promessa que tinha feito ao povo das Filipinas quando foi forçado a deixar as ilhas em 1942. Ele retornou com tropas suficientes para ajudar os filipinos a retomar o seu país. Agradecido por sua ajuda quando todos pareciam perdidos, o governo em Manila orientou

⁴¹ Augustus Nicodemus, In: *Jornal Os Puritanos*, ano IV n° 02, 1996.

⁴² John Murray, *Collected Writings of John Murray*, 1977, 2 vol, p 270.

⁴³ Thomas Geoffrey, “Segurança da Salvação”, in: *Os Puritanos*, ano IV – n° 02, 1996.

seus exércitos para começarem uma tradição: gritar o nome de MacArthur em cada chamada para a revista das tropas. Cada companhia designou um oficial que deveria responder, dizendo “Presente em espírito”. Aquele gesto simbólico ajudou a garantir que a dedicação e a coragem do general permanecesse no coração soldados mesmo muito tempo depois de sua partida.⁴⁴

O Espírito Santo faz coisa semelhante em nossos corações. Ele clama “Paizinho” e prova que Deus é nosso Pai e nós somos seus filhos. Assim, se você clama, está no caminho do céu, pode ter certeza da sua salvação.

Conclusão.

Através deste trabalho pudemos descobrir muito mais do que esperávamos de um tema que parecia tão simples a princípio, mas que veio a revelar-se desafiador e fascinante. Entendemos que, apesar de não ser considerado indispensável para a fé salvadora – de forma que alguns crentes serão salvos mesmo sem ter sequer conhecimento disso – a certeza da salvação contribui para o desenvolvimento da própria fé, para o crescimento espiritual e para o aperfeiçoamento da vida cristã. Como escreveu Berkhof:

O conceito correto parece ser que a fé verdadeira, incluindo, como inclui, confiança em Deus, importa naturalmente em um sentimento de segurança e certeza, embora isso possa variar em grau.⁴⁵

Como já mencionamos acima, nem sempre o crente pode estar consciente dessa segurança, haja visto que nem sempre vive plenamente a vida de plena confiança e não toma consciência das bênçãos espirituais que lhe são reservadas. Portanto, quando nos encontrarmos sob a influência de dúvidas e incertezas, devemos buscar cultivá-la, de todas as maneiras que o próprio Deus tem colocado ao nosso alcance, sendo que ele prometeu não apenas nos salvar, mas também nos sustentar.

Como pudemos ver anteriormente, a obtenção e a constância da nossa certeza não depende de elementos externos, mas através do cultivo do hábito da oração, o estudo das promessas de Deus reveladas na Bíblia, e pela busca de uma vida transformada, na qual é evidente o fruto do Espírito, ela pode ser alcançada, cultivada e fortalecida.

⁴⁴ new-life@aba2net

⁴⁵ Louis Berkhof, Manual de Doutrina Cristã, 1985, p 229.